

DECENNARIO DE CASTRO ALVES

ELOGIO DO POETA

PELO

Dr. Guy Barbosa

SEGUIVO

DE

UM ESCRITO DO MESMO AUTOR

PELOS ESCRAVOS

ÁS

MÃES DE FAMILIA

MANDADOS IMPRIMIR

PELA

COMISSÃO DO DECENNARIO

Pertence a

Cassi

Lopes Junior

BAHIA

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO DA BAHIA»

101 — Praça Castro Alves — 101

1881

1881

Ao leitor

Publicando agora em avulso o notavel discurso proferido pelo Dr. Ruy Barbosa, na sessão litteraria que promovemos em commemoração do Decennario do illustre poeta — Antonio de Castro Alves, cumprimos um dever e satisfazemos uma divida: — dever de reconhecimento ao orador que veio fraternisar connosco na glorificação de um genio tão benefico a seu paiz; divida de patriotismo a uma memoria illustre, cuja consagração mais digna se encontra n'esse verdadeiro monumento de eloquencia e critica litteraria.

E na realidade não poderá haver homenagem mais digna, nem mais elevada, do que essa — rendida pelo illustre orador — ao immortal poeta abolicionista.

O publico ha de ler essa producção de um dos mais ferteis talentos de nosso paiz, com o mesmo enthusiasmo com que acolheram-n'a aquelles que, como nós, tiveram a immensa felicidade de ouvi-la.

Não sabemos n'ella o que mais admirar: — se a belleza inexcedivel do estylo, consorciando-se com a pureza classica da linguagem, se a profundeza da erudição, unida á mais alta percepção critica, á mais elevada revelação do criterio litterario.

Se porventura fosse util demonstrar á critica apaixonada e esteril dos demolidores de reputações firmadas,

a insensatez burlesca com que pretendem ridicularisar uma das maiores glorias nacionaes, bastar-nos-hia mostrar-lhe esse discurso, em que vêm magistralmente refutados os paradoxos d'aquelles que só acceitam genios de cabellos brancos, e só admittem manifestações posthumas aos que porventura tenham em seu favor — a unanimidade da critica.

E não é elle somente uma apreciação critica e philosophica de uma individualidade litteraria, é tambem um brado de propaganda abolicionista, um preito de anathema e maldição contra uma instituição nefanda e perversora da vitalidade nacional.

Nem podia deixar de ser assim: — Castro Alves, digam o que quizerem os seus adversarios, foi um poeta eminentemente abolicionista; em seu Elogio, não podia, pois, o grande orador deixar de consagrar a sua palavra extraordinaria a essa causa santa, que constitue hoje uma das questões mais palpitantes do paiz.

E fel-o de uma maneira digna e brilhante: — reivindicando para o poeta a gloria de ter-lhe consagrado a melhor e maior parte de sua vida, e para o paiz a da unanimidade de sentimentos contra a persistencia d'essa infame monstruosidade social.

E é por isso, por esse cunho abolicionista da festa que promovemos, e do discurso com que a honrou o illustre orador, que nós resolvemos associar-lhe uma outra producção sua ácerca do mesmo assumpto.

E' um folhetim por elle publicado quando a iniciativa individual, personificada em uma das mais dignas associações d'esta provincia, appellava para a generosidade publica em auxilio da redempção dos escravos.

E' uma supplica eloquentissima ás mães de familia em favor d'esses infelizes; ellas não poderão lel-a ainda hoje, sem ter os olhos marejados de lagrimas, sem sentir em seus corações a expansão de purissimos affectos,

que n'aquella occasião revelaram-se pelo concurso sincero que prestaram a uma festa, que não poderia ser esquecida nos annaes abolicionistas de nossa provincia.

A publicação d'essas duas producções é, portanto, ainda uma homenagem que rendemos á grande causa da emancipação e á memoria do primeiro poeta que n'esta terra americana consagrou-lhe toda a grandeza de sua imaginação, toda a fecundidade de seu estro.

Não inspira outro movel o nosso procedimento; atire-nos quem quizer os improperios de sua critica, julgamo-nos honrados com elle.

Cumprimos o nosso dever, e estamos satisfeitos.

Pertence a

Francisco S. P. Junior

1881

Ruy Barbosa B. 22-10-929.

RUY BARBOSA

ELOGIO

DE

CASTRO ALVES

Minhas senhoras; meus senhores. — Obedeço, ainda assustado e confundido, á honra da eleição que me eleva até aqui. Incapaz de ambicionar-a, nem sonhal-a, achei-me, todavia, desarmado para lhe resistir. Captivo á espontaneidade d'ella, não menos captivo me senti á origem d'este mandato, á bella geração nova de minha terra, aos moços, áquelles que, em todo paiz susceptivel de resurreição ou de progresso, representão a alliança da generosidade com a força, o grande desinteresse e as grandes aspirações. Mas, designando para esta homenagem ao poeta o ultimo d'entre vós, arriscastes-vos a uma temeridade, que me deixou perplexo, enquanto não sondei intimamente o vosso designio. Agora sim, que o percebo. Não foi um excesso de inexperiente confiança; foi, pelo con-

trario, uma deliberação maduramente reflectida: para demonstrar a profundeza da influencia da obra d'esse extraordinario representante da nossa poesia, a voz que a houvesse de attestar, devia partir, não dos cimos, mais proximos do astro, deslumbrados pelo seu esplendor, escaldados pela sua irradiação, mas cá da humildade do valle, que de tão longe o contempla. N'este sentido, a infimidade da escolha foi um novo tributo ao nome que commemoraes, e a este titulo a vossa designação acertou.

Bastar-me-ha, pois, ser sincero, para ser fiel á vossa intenção; tanto mais quanto, distanciado d'elle pela differença das nossas vocações, pela eminencia da sua predestinação, bem perto estive de sua alma pela amisade. Ella, todavia, não foi longa, posto nos encontrassemos desde o primeiro periodo da vida, em que elle me precedeu apenas alguns annos. Estava reservada aos mais saudosos da nossa passagem pelos estudos superiores uma intimidade, que a communhão do mesmo tecto estreitou, na formosa S. Paulo, onde a sua musa celebrou uma vez a alliança do Paraguassú com o Ypiranga, entre as flores agrestes de cuja varzea desfiou prodigamente as perolas dos seus versos, e cujas neblinas, ainda muito mais tarde, vaga-

mente fluctuavão nas seismas da sua poesia. Vós conheceis a fraternidade republicana, a incomparavel familiaridade de um lar academico, onde uma transparencia singular mutuamente revela na mais perfeita limpidez as intelligencias e os caracteres. Relembrando hoje os primeiros fulgores da sua reputação litteraria, poderia eu conscienciosamente, pois, traduzir a minha admiração por aquella esplendida aurora nas mesmas palavras em que um dos maiores estadistas, litteratos e criticos do nosso tempo não corava de exprimir a sua por um mancebo levado d'entre os vivos aos vinte e dous annos, n'outro paiz, na encanecida Albion, velha a quem ainda não ensinarão a sabedoria que incompatibilisa a mocidade com o genio: «Eu o fitava como grimpa de longinquos Alpes, deleitando-me em contemplar-lhe na ampla fronte o despontar do sol.» (1)

Desaproveitado teria, porém, o melhor das impressões d'esse contacto com aquella bemfadada

(1) I marked him

As a far Alp; and loved to watch the sunrise
Dawn on his ample brow.

DE VERE: *Mary Tudor*, I, V, 1. Palavras applicadas por Gladstone a Arthur Henry Hallam, objecto do celebre volume de poesias de Tennyson «*In Memoriam*» V. GLADSTONE: *Gleanings of past years*. London, 1879. Vol. II, pag. 136.

natureza, se não me houvesse habilitado a dar testemunho da delicadeza de sua sensibilidade e do vigor de seu coração. Elle palpita na sua obra poetica, de que, como da sua vida, foi um poderoso fautor. O mais intimo de sua alma, impetuosamente apaixonada pela verdade, pelo bello, pelo bem, communicou sempre com as alturas alpinas do seu genio por um jacto continuo d'essa lava sagrada, que fazia dos seus labios uma cratera incendiada em sentimentos sublimes. Aos que não estremecerem a esse influxo, não me incumbo de demonstral-o. O coração não se prova com o escalpello ou o syllogismo: sente-se por uma affinidade impalpavel, como o sentireis hoje n'alguns dos seus accentos, ainda faltando-lhe agora o encanto d'aquelle orgão irresistivel, um d'esses que transfigurão o orador ou o poeta, e fazem pensar no glorioso arauto de Agammemnon, immortalizado por Homero, Thalybios «semelhante aos deuses pela voz.»

Magnificar n'elle uma parçialidade litteraria não m'o permittirião nem o character d'esta solemnidade nem a minha incompetencia. A minha incompetencia, porque d'ella provavelmente resulta o não militar eu em nenhum dos campos rivaes: classicismo, romantismo, naturalismo ou realismo são,

a meu ver, momentos necessários no desenvolvimento da civilização occidental, na evolução da arte. Todos têm a sua escoria desprezível e os seus productos ephemeros; mas todos, por sua vez, contribuem com gemmas preciosas e creações duradouras ou eternas para o cabedal permanente do genero humano. O que não comprehendo, é certa conspiração de arrasadores, sem benevolencia nem originalidade, cuja fé é a destruição, cujo destino a esterilidade, cuja lei a intolerancia de um egoismo, que, no seu vasto deserto de negações, não deixa mais logar que para a vegetação de algumas nullidades incapazes de fazer sombra aos preconizados da seita. O segredo do seu proselytismo consiste na linguagem de depuração scientifica que ostentão fallar, na apparente cruzada contra o artificio, contra a deturpação da natureza, contra as convenções arbitrarías, contra os idolos de uma tradição cega. Mas a sua senha real é a abolição das superioridades independentes e a inauguração do pontificado da mediocridade, com seus dogmas, seus bonzos, suas immunidades, sua phraseologia árida, pretenciosa e vã.

Não é por ahí que a poesia se ha de acercar da sciencia, em cujo ambiente deve procurar novos haustos de vida. De que bellezas póde ser manan-

cial para a arte a philosophia positiva, a observação experimental do universo, ali estão, para o entrevermos, esses raios de poesia esparsos da corôa da grande cabeça que acaba de fechar os olhos nas margens do Sena. Quem cantou mais ungidamente do que o successor de Comte a luz reflectindo as suas ondas de mundo em mundo, como de escolho em escolho, no oceano do vácuo, o céu estrellado «com a sua propria immensidade por véo», a terra, «nossa patria, mundo entre os outros mundos», a velhice com «o seu oriente deserto» e o poente clareado pela saudade? (1) Mas, se o viço d'essas flores, abrolhadas na vida estudiosa e austera do illustre pensador francez, deixa vislumbrar a acção fecundativa da sciencia nos dominios da arte, toda a parte critica da sua obra é uma lecção viva contra o exclusivismo dos anathemas de eschola, na litteratura como na sciencia. Bem pouco valeria Castro Alves, se a estabilidade do seu nome se achasse ligada ás feições especificas e aos transitorios destinos d'essa phase litteraria a que entre nós se imprimiu o sello da influencia e do nome de Hugo. Na sua personalidade esses não passam, a meu ver, de traços accidentaes.

(1) LITTRÉ: *La lumière. Les étoiles. La terre. La vieillesse.*

O que faz a sua grandeza, são essas qualidades, superiores a todas as escholas, que, em todos os estados da civilização, constituirão, e hão de constituir, o *poeta*, aquelle que, como o pae da tragedia grega, possa dedicar as suas obras «ao Tempo»: sentiu a natureza; teve a inspiração universal e humana; encarnou artisticamente nos seus cantos o grande pensamento da sua epocha.

Que não cantou elle, e que não cantou como poeta, desde os primeiros ensaios do seu genio? Dir-se-hia que a sua musa roçara os labios no mel de todas as doçuras e na essencia amarga de todas as agonias do nosso destino passageiro pela face da creação; que por azas escolhera dois raios amorosos do sol, para affagar todas as harmonias do universo, e, como o epico do céu e do inferno na extrema visão do empyreo, molhara as palpebras no rio de luz em que Dante humedeceu os olhos para a contemplação da suprema belleza (1). Sob

- (1) E vidi lume in forma di riviera
Fulvido di fulgore, intra due rive,
Dipinte di mirabil Primavera.

Non è fantin, che si subito rua
Col volto verso il latte, se si svegli
Molto tardato dall' usanza sua,
Come fec'io per far migliori spegli
Ancor degli occhi, chinandomi all'onda,
Che si deriva, perchè vi s'immegli.
E, si come di lei bevve la gronda
Delle palpebre mie.....

DANTE: *Paradiso*, XXX, 21, 28-30.

a magia e a opulencia do seu estro chega-se quasi a exclaimar com elle:

«Não vês?... Do céo a eupola azulada,
Como uma taça para nós voltada,
Verte poesia a flux!...» (1)

Os assumptos menos novos reflorescem-lhe no alaúde, e o seu genio por toda a parte, como que insensivelmente,

«Sacode estrophes, qual do rio a garça
Perolas solta das brilhantes plumas.» (2)

Argüem-n'ó de frieza, de insensibilidade, de ausencia de coração. Mas vêde se nunca o sentimento se derramou n'um oleo de piedade mais suave do que n'esta figura angelica do orphãosinho, tendo por brinco a espada, não menos orphã, do bravo immolado á patria:

«Ai quantas vezes a criança loira
Seu pae procura, pequenina e nua,
E vae, brincando co'ó vetusto sabre,
Sentar-se á espera no portal da rua!

(1) CASTRO ALVES: *Espumas fluctuantes*, p. 40.

(2) CASTRO ALVES: *Op. cit.*, p. 52.

Misera mãe, sobre o teu peito aquece
Esta avesinha, que não tem mais pão.
O pae descansa, fulminado cedro,
Do vasto pampa no funéreo chão.» (1)

Este raio, evocado para explicar a queda do soldado obscuro, ergue redivivo aos nossos olhos o vulto do heroe desconhecido, e crê-se descobrir-lhe por entre os dedos as madeixas douradas da criança, que lhe não sente as caricias, e ainda por elle alonga a vista, do soalheiro do lar, ermo para sempre da presença paterna. Não sabe o pequenino que elle não volverá mais, e abraça innocentemente a muda testemunha d'essa gloria ignorada,

«Emquanto os nautas que ao Eterno vão,
Os ossos deixão, quaes na praia as ancoras,
Do vasto pampa no funéreo chão.» (2)

Oh quanto é repassada de alma aqui a poesia!
Como faz estremecer em nós o sentimento da presença d'esses mortos «que o coração guardou!» (3)
Barco sem ancora, como has-de ser mais nosso,

(1) CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 10.

(2) CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 11.

(3) LITTRÉ: *La vieillesse.*

quando se te quebrarão as cordas da vida? Como? Na enseada tranquilla da nossa memoria, onde a saudade serenou as tormentas, e o coração lembrado é a ancora que se não parte.

E creia alguém extinto nos mortos o amor? Não n'ó quer o poeta. A ossada fria descansa no sacrario da terra. Mas, se lhes perguntardes pelo coração, um fallar-vos-ha, como a visão de Francisca de Rimini, na ultima beatitude da paixão correspondida; responderá

«Outro: «Dei-o a meu paé.» Outro: «Esqueci-o Nas innocentes mãos de meu filhinho.»
Meus amigos, notae: bem como o passaro,
O coração do morto volta ao ninho.» (1)

Castro Alves foi um dia injusto consigo mesmo, dando por musa ao seu poeta «o amor e a natureza». (2) Ninguém desferiu ainda mais maviosamente as cordas mais santas do amor humano: acabamos de vel-o. Veremos como a natureza sorri, irradia, e magôa-se nos seus versos. Mas a sua musa não é só a da natureza e do amor: é

(1) CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 188.

(2) CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 164.

tambem, e sobretudo, a do heroismo, a do direito e a da gloria. A gloria inebriou-o uma vez, e felo ver mal o direito, quando, n'essa grandiosa poesia das *Duas ilhas*, irmana o proscripto da tyrannia com o proscriptor da liberdade, a revolução com a fortuna que a estrangulou. Mas é elle proprio quem, n'aquell'outra, em cujo portico parece assomar a America, radiante da sua virgindade primitiva, canta no *livro* a conquista pacifica do orbe pela sciencia, que é o direito. Na *Visão dos mortos*, em que crer-se-hia arrebatár o poeta esse «vento dos hymnos lugubres» que brame nos córos de Eschylo, é sublime de divino terror a imagem do

«Tiradentes sobre o poste erguido,

.

Pelos cabellos a cabeça erguendo,

Que rola sangue, e que espadana estrellas.»

Eis o heroismo supremo, o que estrélla de constellações o patibulo, e, ás irradiações da sua aureola sideral, deixa suspeitar nas trevas o despotismo, torvo como Caím, na impotencia dos seus rancores contra a immortalidade do direito. Essa corôa de astros é a apotheose da liberdade, triumphante nos seus martyres.

Vêde-a agora, transfigurada pela indignação
contra os calumniadores das memórias santas, no
vulto titanico de Pedro Ivo,

«Co'a noite no peito, co'a noite no busto.

Uiva o tufão nas dobras do seu manto,
Como um cão do senhor ullula aos pés.»

A maldição, que lhe cae da bocca sobre os co-
vardes como pancadas de um malho cyclópeo,
termina por um vaticinio de liberdade, e a visão
desapparece, atravessando a noite

«Co'um grito de gloria na bocca a rugir.» (1)

O poeta é sempre o filho viril do grande e forte
seculo, a quem cantou em estancias de gigantesca
audacia, (2) e que parece tel-o nutrido, como a
antiguidade ao filho de Pelêo, *da medulla leonina*.

Mas essa nutrição heroica não o inhiibe de achar
às vezes a brandura da pomba e o sentimento do
mimo como o colibri. Seu peito

«Ruge estridente do que é grande ao sopro»; (3)

(1) CASTRO ALVES, *Ibid.*, p. 58, 65.

(2) CASTRO ALVES: *O Seculo*.

(3) CASTRO ALVES: *Espumas fluct.*, p. 53.

mas tambem destilla ternura como um favo, e sente como verdadeiro inspirado diante da mulher. Elle soube cantar em notas ardentes, ou doces como a ambrosia olympica, a deliciosa fragrancia d'essa «bella calamidade.» Perdoem-me as minhas graciosas ouvintes; não é do orador a phrase: é uma reminiscencia importuna e descortez de Hesiodo, o poeta das durezas rusticas do trabalho, que, como o antigo oriente, não via nas graças do sexo bello senão tentadora malignidade. Nós protestamos pelas nossas contemporaneas contra a malevolencia do velho cantor de Prometheu; e Castro Alves commosco. E' sincero e apaixonado o seu culto pela mulher; confunde-se no seu espirito com o das flores; chega a não a distinguir d'ellas: inadvertido, seria capaz de colher-a, entre as rosas de um rosal, para a grinalda de sua harpa lyrica, como «um sorriso n'um jardim aberto», ou «um beijo que nasceu na veiga.» (1)

Tambem ha, porém, entre essa magnifica flora humana, como na do mundo vegetativo, a insidia e a morte sob as côres, candidas ou rutilantes, da pureza e da vida. Vedes, esvoaçando incantas de redor d'aquellas flores esbeltas e vivazes, esse enxame de

(1) CASTRO ALVES, *Ibid.*, p. 115.

creaturinhas aladas? As mais d'ellas fenecerão com o dia que as viu nascer. A sciencia poz-lhes, pois, desde Aristoteles, o nome de *ephemeras*; como *ephemeros* nos appellidavão, no theatro do divino tragico de Eleusis, as zombarias de Hermes contra o deus encadeado «por amar os homens». A namorada multidão alígera requesta a *drósera* gentil, em cada cilio de cujas folhas oscilla, como lagryma, uma gotta cambiante de orvalho, a *sarracenia* purpurea, cuja amphora elegante orla as margens de mel. Mas a esses typos ridentes da perfidia e da voracidade no mundo das plantas não basta o ar, a luz, a seiva da terra: é de muitas existencias que se ha de alimentar a sua. Aquella humidade que as roreja, não é nem o mel nem o orvalho: é a seducção voluptuosa da mentira e da crueldade. Aquelle dulçor, aquelle pranto querem vidas. Quando essas palpebras rociadas se descerrarem, quando se soabrir esse regaço, o misero prisioneiro terá deixado toda a substancia do seu ser na urna implacavel da insectívora, onde buscara o paraíso. Essa curiosa e terrível familia occupou um capitulo, dos mais interessantes, na obra scientifica de Darwin. Por entre a exuberancia tropical do lyrismo do poeta bahiano tambem ás vezes vereis acenar á phantasia juvenil com o calix rubro das

suas attracções a gentileza d'essas inexoraveis destruidoras. Mas o sopro da alma do vate, intimamente pura, sacode-as de vez em quando, frio e cortante como hifada gemente e rispida do norte, e as desfolha pelo chão.

Se quereis conhecer a tempera sã da sua musa, deixae-vos impregnar da atmospherá religiosa d'aquelle canto *pelas sombras* rematando com o triumphar das crenças do berço do poeta:

«Accende, oh viajor, a fé no coração!» (1)

meditae n'aquellas confidencias *sub tegmine fagi*, que santificão a amisade, consorciando-a com o perdão e a prece:

«Qual no fluxo e refluxo o mar em vagas
Leva a concha doirada. . . e traz das plagas

Coraes em turbilhão,

A mente leva a prece a Deus por perolas,

E traz, volvendo após, das praias cérulas

Um brilhante: o perdão.» (2)

associae-vos áquella visita, enfim, á casa de seus paes, á sua *Boa-Vista*, onde as immaculadas

1) CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 119.

2) CASTRO ALVES: *Ibid.*, pag. 38.

recordações da puericia lhe desfazem todas as ambições n'um longo suspiro de saudade:

«Não quero mais laureis; quero as rosas da infancia.» (1)

E a *Hebréa* que é, senão uma deliciosa personificação da saudade na sympathia pelas tristezas do exilio irremissivel de uma raça inteira? As lagrymas entumescem alli a torrente do Cedron. Serão realmente vibrações da lyra hebraica de Byron, ou o segredar mysterioso do «lothus para o chão pendido?» (2) Alguns toques magicos desenrolão vos aos olhos a miragem do esplendido oriente, com a sua intensa luz, as suas sombras profundas, os oasis dos seus desertos, o esmalte de lyrios dos seus valles, os palmeirae das suas planicies e os cedros millanarios dos seus montes. Sempre o mesmo pincel encantado; sempre a mesma irresistivel symphonia; sempre a mesma verdade nas notas e nas tintas, quer accenda o sol coruscante da tarde nas mattas virgens, (3) quer repercuta a poesia popular nas *tyranas* do sertão, nas modu-

(1) CASTRO ALVES: *Ibid.*, pag. 99.

(2) CASTRO ALVES: *Ibid.*, pag. 7.

(3) CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 153.

lações da viola do *tropeiro*, ou nas cantigas de *rancho*. (1)

Ainda quando elle nos não tivesse legado mais do que isso, não bastaria a originalidade e a belleza superior de tantos primores de uma inspiração delicada e pujante, para assegurarem á sua Sombra o direito de exclamar, como a do autor da *Oréstia* na comedia de Aristóphanes: «Morri; mas a minha poesia me sobrevive»?

Oraculos ha, bem sei, que não admittem genios de menos de quarenta annos, nem sem certa bagagem de volumes impressos. Mas aos vinte annos apenas e com sós duas poesias conquistou Giacomo Leopardi, no primeiro quartel d'este seculo, os louros, que ainda subsistem, do primeiro poeta contemporaneo de seu paiz, (2) e, n'essa segunda

(1) CASTRO ALVES: *Canção do Violeiro. Manuela* (cantiga de rancho.); *A Tyrana* de Lucas, na *Cachoeira de Paulo Affonso*. A canção de Carlota, no *Gonzaga*.

(2) «This Canzone (*All'Italia*), with the one which follows it, must at once have placed him in the first rank among the lyric poets of his country.» W. E. GLADSTONE: *Gleanings of past years*, vol. II., pag. 92.

«When we regard Leopardi in his character of a poet—in which *no Italian of the present generation*, except Manzoni, *even approaches him*, and he in a different order, and perhaps *but in a single piece*. . . » *Ibid.*, pag. 88.

patria da arte, mereceu que lhe prendessem a filiação litteraria á estirpe de Dante. (1)

Entretanto, bem sabeis que ainda nos não aproximámos do grande monumento de Castro Alves. Antes, porém, de o admirarmos, eu, que aliás aqui não vim, nem quero, nem devo, nem sei esgrimir com a critica, duas palavras direi em defeza d'esse nome caro ao paiz.

Taxão-n'õ de faltar-lhe a pureza classica da palavra, que assignala as obras impereciveis. Certamente a sua privilegiada capacidade se teria opulentado de recursos incalculaveis nas fontes da nossa prodigiosa lingua, não menos soberana, não menos immensa, não menos omnipotente que a de Italia. (2) Ninguem mais do que eu deplora que lhe escasseie ás vezes essa flor de vernaculidade, que accrescenta ao genio um perfume indizivel. Para esses fecundissimos estudos tel-o-hia attra-

(1) «His gift of compression, in particular, is one which seems, not borrowed, for such things no man can borrow—they are marked «not transferable» — but descended or inherited from the greatest of all masters of compression, from Dante itself.» GLADSTONE: *Ibid.*, pag. 91.

(2) « .. questa nostra lingua, *sovrana, immensa, omnipotente.*» GIACOMO LEOPARDI: *Op.*, V. pag. 40. *Apud* GLADSTONE, *op. cit.*, pag. 85.

hido, creio eu, o seu gosto de artista, se a morte lhe não vedasse a segunda florescencia do seu talento; mas um feliz instincto da sua vocação suppria frequentemente n'elle a applicação investigadora, e revelou-lhe no idioma patrio excellencias de primeira agua. Sem negar-lhe incorrecções, de que aliás a critica, que por ahi o intenta deprimir, é de ordinario, entre nós, a primeira a dar os peiores exemplos, o facto, não menos certo, é que ellas não são numerosas, nem tão graves que maculem a belleza geral das suas concepções, ou prejudiquem aos grandes contornos da sua obra. São rapidos lapsos do cinzel, que a lente do mycropho descobrirá, avultando-os, mas que não destroem a expressão e a grandeza do conjuncto.

Accusão-n'ò de amplificações enormes, de hyperboles extravagantes, de empolas colossaes. Não tenho, senhores, a dita de ser iniciado nos mysterios da critica; o que não quer dizer que não comprehenda a sua utilidade, quando ensina, e adverte. Mas detesto-a, quando se reduz a amesquinhadora das grandes coisas, e amontoa accidentes, para converter em aleijão o sublime. Não alimento, pois, a pretensão de exercer magisterio entre ella, e rever as suas sentenças. Apenas, deante das creações do genio, é involuntario, irre-

primivel em mim o grito de assombro d'aquelle espectador attonito, no *Muzeu Britanico*, ante os destacados fragmentos da obra de Phidias: «*Deus, ecce Deus.*» Não tenho culpa da minha ingenuidade. Mas o que sei, é que os mais incomparaveis creadores da arte não evitarão a mordacidade professional d'essa personagem. Aquelle mesmo a cujos rhápsodas, como aos de Homero, conferiu a antiguidade o privilegio de empunharem o ramo symbolico de myrto; aquelle cujos dramas a republica atheniense mandou imprimir n'um exemplar sagrado, entregue á guarda da cidade; aquelle sobre cujo tumulo a Sicilia offerecia sacrificios divinos,—o tragico da primeira trilogia de *OEdipo* não lhe escapou aos epigrammas, ainda muito depois da sua morte, Do seu estylo e dos seus heroes diz-se, nas *Rãs* de Aristóphanes: «Palavrões de pennacho, do tamanho de montanhas, versos madeirados como a carcassa de um navio, almas forradas de sete couros de boi.» Quereis, realmente, ouvir algumas das suas estupendas metaphoras? A poeira é «a irmã sedenta da lama», ou «a silenciosa prenunciadora do exercito»; a chamma é «a agitada irmã do fogo»; o abutre algoz do condemnado do Caucaso é «o cão alado de Zeus»; o mar é «a madrasta dos navios», que

abre, para os tragar, «violentas maxillas», e, depois do naufragio, ostenta-se «*florido* de cadaveres.» Nas *Supplices*, ás ribas de Argos, o côro das Danaides responde ás injurias do arauto dos filhos de Egyptos: «A affronta ladra na praia! Tu bebeste a onda amarga, e é essa o que me lanças ás faces.» Dánaos, communicando ás filhas a magnanimidade do voto popular que os acolhia, descreve o ar «erigido das dextras do povo inteiro.» O ferro assume-lhe nos versos uma individualidade animada e pensante: é «o emigrado da Scythia, duro distribuidor de heranças, que atira aos guerreiros os dados da terra.» Dizei-me agora: não tacteaeis alguma coisa d'essa maravilhosa immensurabilidade eschyliana na poesia de Hugo? Não a sentis, ainda, em geral, nas excêntricidades increpadas a Castro Alves?

Convencido estou, senhores, com um dos mais eminentes criticos de arte de que se ensoberbece hoje em dia a Europa, que «as toezas e covados da rhetorica, applicados a genios taes, se nullificão até ao ridiculo» (1); e a presumpção de observar a mycroscopio, e bitolar a millimetros o merito

(1) PAUL DE SAINT VICTOR: *Les deux masques*. Pariz, 1880. Pag. 105.

d'esses creadores excepçionaes recorda-me a posição do homem de Swift entre as miniaturas humanas de Lilliput: aos olhos d'esses homens de cinco pollegadas os proprios poros da epiderme do viajante devião-se afigurar inexplicaveis deformidades.

Possuamo-nos, senhores, agora da alma do poeta, para penetrar n'essa galeria de fragmentos admiraveis da grande obra, de que o seu escopro talhou apenas membros dispersos, mas que, não obstante, ficará sendo no Brazil o «*poema dos escravos*». Aventurearão que elle lhe dedicara uma parte comparativamente insignificante da sua vida. Não é difficil, porém, demonstrar que, pelo contrario, essa idéa sempre o absorveu quasi totalmente; que da sua existencia elle empregou a mais extensa quadra, a melhor sasão e os mais abençoados fructos nesse pensamento immortalizador.

Desde 1865 votou o poeta seu canto a essa causa divina:

«Traz a benção de Deus ao captiveiro;
Levanta a Deus do captiveiro o grito.» (1)

(1) CASTRO ALVES: *Adeus, meu canto*.

E' a profissão de fé do apostolado a que se consagra. Na espinhosa jornada

«Deus acompanhe o peregrino audaz.» (1)

Desde então começa a aureolar da sua poesia a raça victimada. Mas, acenando com a liberdade ás gerações nascentes, não esquece os que cerrarão os olhos no captiveiro; e, nos primeiros passos da sua peregrinação, destaca-se a imagem do poeta, adoravel como uma evocação evangelica da caridade, aljofrando de pranto a lápide nua do escravo:

«Caminheiro, do escravo desgraçado

O somno agora mesmo começou.

Não lhe toqueis no leito do noivado:

Ha pouco, a liberdade o desposou.» (2)

Não é, porém, uma psalmodia o que elle emprehende, mas um combate. Quer intervir profundamente na acção social. A impaciencia do reformador freme no peito do poeta contra a tergiversação dos homens, capazes de querer

«Que o porvir na ante-sala espere o instante,

Em que o deixem subir.» (3)

(1) CASTRO ALVES: *Espumas fluctuantes*, p. 51.

(2) CASTRO ALVES: *A cruz da estrada*.

(3) CASTRO ALVES: *Estrophes do solitario*.

Canta, batalha, e vaticina. Essa lei que redimiu a maternidade aos descendentes de Africa, não a antevedes, como ao relampago de uma prophacia, n'esta supplica encantadora?

« Senhor Deus, dá que a bocca da innocencia
Possa ao menos sorrir,
Como a flôr da granada abrindo as petalas
Da alvorada ao surgir. » (1)

Só seis annos mais tarde se decretou a reforma de 28 de setembro. Mas a semente era de benção, e germinou muito antes; porque já em 1869, n'uma loja maçonica, a *America*, infatigavel semeadora de intelligencia e liberdade em S. Paulo, um grupo de moços, entre os quaes tive a fortuna de achar-me (permiti á minha memoria a legitima satisfação d'esta reminiscencia despretenciosa) promovia, e fazia adoptar como compromisso obrigatorio a todos os membros d'aquella familia, a emancipação dos fructos da escrava.

Mas a musa abolicionista não é só a vidente, a cujos olhos se faz diaphano o porvir: é, ainda, a Nemesis do remorso, mergulhando nos abysmos d'essa historia tenebrosa da escravidão, para ex-

(1) CASTRO ALVES: *Supplica*.

trahir de lá nos soffrimentos seculares do captivo o corpo de delicto de barbaria da sociedade oppressora. A' voz do poeta, projecta ao longe a sua sombra sinistra esse quadro tetrico do *Navio negreiro*, necropole fluctuante, onde os sepultados

«Nem são livres . . . p'ra morrer»;

onde o látego mede a uma choréa de phantasmas vivos a cadencia de uma dança inaudita, e em torno do qual o mar parece perder-se n'um circulo infinito de gemidos. A exclamação shakespeareana prorompe de todas as almas: «Pois os céos puderão presenceal-o, sem se abalarem?» (1)

O patriotismo chora nos olhos do poeta:

«E existe um povo, que a bandeira preste,
P'ra cobrir tanta infamia e covardia?

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silencio, musa! Chora, chora tanto,
Que o pavilhão se lave no teu pranto.»

(1) Did heaven look on,
And would not take their part?

SHAKESPEARE: *Macbeth*, IV, III, 223.

Para tamanha indignação, porém, não havia lagrymas bastantes: a chamma estúia, rebenta, e estala n'um fuzilar de colera, que varre o oceano, e rasga de extremo a extremo o horisonte:

«Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!»

O assumpto encarna-se no poeta; as chagas da raça crucificada reabrem-se-lhe nos cantos. O captivo representa-se alli pelas suas duas faces: ora Christo, ora odio. O odio é o «*Bandido Negro*», a «seara vermelha», esse rubro cantico de Spártaco, onde vibrão d'essas phrases «para se ullularem», como os terrores de Macbeth, «na solidão de ares desertos, longe de ouvidos humanos.» (1) O Christo é essa dorida inspiração das *Vozes d'Africa*; essa mãe que traz

«Filhos e algemas nos braços»;

esse hálito expirante, que dir-se-hia exhalado de um Gólgotha, quando a agonia borbota n'este grito:

«Deus! O' Deus! Onde estás, que não respondes?»

(1)

But I have words
That would be howl'd out in the desert air,
Where hearing should not latch them.

SHAKESPEARE: *Macb.*, IV, III, 193.

Haveis de notar quão profundamente humana é a verdade d'essa queixa, desferida, como um threno de murmurios eolios, de uma alma lacerada de mãe, onde ainda não acabara de murchar a esperança. Lembraes-vos do mytho grego? Das prendas trazidas em dote por Pandora, a imagem hellenica da mulher, a Epimetheu, o typo da imprevidencia no homem, descoberta a custodia mysteriosa, todos os infortunios desencadearão-se pela terra. «Só a esperança», diz o poeta da *Theogonia*, «permaneceu, delida nos bordos do vaso, e não voou.» A gentil curiosa recobrirá-o em tempo, por ordem de Zeus, «que accumula as nuvens.» Uma sombra de amara tristeza passa, todavia, nos versos de Castro Alves, pelo azul d'essa esperança. Crer-se-hia a esperança do Prometheu de E'schylo, melancolica como o crepusculo da tarde, e servindo apenas de véo a um remoto desengano. Elle «revelara aos viventes todas as artes.» — «Nada mais por elles fizeste?», perguntão-lhe as Oceanides. — «Inhibi-os de preverem a morte.» — «E com que remedio os guareceste d'esse mal?» — «Puz-lhes no seio a cega esperança.» Será esta a que geme na elegia de Castro Alves? Não. É a esperança aviventada pela fé, que não mente, e unge para a victoria os rins do luctador.

De dia em dia vae elle associando á sua obra novos e irresistiveis auxiliares. A musa do theatro fada-lhe triumphos tambem, e surge o *Gonzaga*, um dos mais admiraveis lances do poema dos escravos. N'esse drama, *que ha de perdurar*; n'esse drama, «em cada um de cujos personagens», digamos com o autor do *Guarany*, «está esboçado outro drama»; n'esse drama, onde realisou em raro gráo o primeiro talvez dos predicados do poeta—conceber e pintar o caracter humano—(1), deu elle corpo a um d'esses pensamentos que descobrem o genio n'um sulco instantâneo de luz: associou indissolovelmente a causa da nacionalidade á da extincção do captivo. Na frente da conspiração de Minas fulgura, burilado pelo poeta e sellado com o sangue dos nossos primeiros patriotas, o compromisso abolicionista. A escravidão do negro é a mutilação da liberdade do branco. O elemento servil algema a nação constituída ao regimen colonial. Estas verdades têm alli a mais sympathica encarnação.

(1) «... that which is, after all, probably the first among the poet's gifts—the gift of conceiving and representing human character.» GLADSTONE: *Op. cit.*, v. II, p. 175 «And this, we repeat, is the crowning gift of the poet: the power of conceiving and representing man.» *Op. cit.*, p. 177.

Ninguém mais se lembrará do Tiradentes, sem pensar em Luiz, o collaborador dos martyres da Inconfidencia. Bem o escreveu a penna atica de Machado de Assis: o escravo eleva-se, no drama de Castro Alves, até á magestade soberana. A par d'aquelle typo maldicto da traição, digno da *Caina* de Dante, do typo negro de Silverio, a imagem deliciosa de Carlota, a captiva, morta, nos braços de Luiz, é a figura celeste de Cordelia nos do rei Lear. Até ahi, nobre e grande musa, dignificaste o escravo! A' altura de Shakespeare subiste n'esse momento; e quem se elevou além? Em que pese aos teus depreciadores.

«Lá não vão vermes perseguir as aguias!» (1)

E, quando, á beira do exilio de Gonzaga, a poesia, nos labios da suaye heroína do drama, soluça aquellas pungentissimas notas de desalento sobre o aniquilamento «da raça dos Prometheus», o espirito, transportado, acredita ver desenhar-se nos visos dos nossos serros o perfil da revolução esmagada, como o Titão grego, da familia dos deuses, encadeado pelo Poder e pela Força ás montanhas da Scythia européa, com esta

(1) CASTRO ALVES; *Espum. fluct.*, pag. 65.

exclamação magnífica na bocca: «O' Terra! O' minha Mãe! O' Ether, por onde rola a luz! Vêde o que soffro eu por amor da justiça!»

Ora, a revolução, no livro de Castro Alves, é o exterminio, não de uma só, mas de ambas as tyrannias filhas da metropole: a do europeu sobre o americano e a do branco sobre o negro. São duas causas irmãs, que ninguém separará mais.

Pelejador incansavel, o poeta bahiano, se depõe a pennã dramatica, é, ainda e sempre, para pedir á sua musa lyrica, em soccorro dos oppressos, o mais doce harpejar das suas melodias e as suas harmonias mais solemnes. Temos então a *Cachoeira de Paulo Affonso*.

Que bem que principia ao desmaiar da tarde esse episodio das angustias intimas da escravidão! Emquanto na frente do bardo,

«Que mesmo para o riso só tem prantos,» (1).

parece concentrarem-se todas as tristezas do captiveiro, que o grande rio dir-se-hia rolar nas suas aguas, a imaginação, em um sonho de fadas, baila com os sylphos no calix doirado das bromelias, e ás margens da caudal espumante surge a

(36) CASTRO ALVES: *Cach. de Paul. Aff.*, p. 3.

feiticeira imagem de Maria, «a mimosa flôr das captivas.» (1) Crer-se-hia na sua primeira apparição a virgem do Cantico dos Canticos: «Eu sou trigueira, mas formosa, como as tendas do Cedar.» (2) Escutando-a a conversar com a canôa amiga e o rio confidente, o poema hebraico diria: «Ouviu-se em nossa terra a voz da rola.» (3) E, quando ella se perde,

«Rio abaixo a deslisar,» (4)

a sympathia do leitor inquieto segue-a amorosamente, procurando quem valerá na soledade á graça desprotegida.

Então, aos clarões da matta incendiada, enquanto

... «o cedro tomba,

Queimado, retorcendo, na hecatomba,

Os braços para Deus», (5)

levanta-se,

«Como uma estatua de bronze», (6)

(1) CASTRO ALVES: *Cach. de Paul. Aff.*, p. 6.

(2) «Nigra sum, sed formosa sicut tabernacula Cedar.»
Cantico dos Canticos, I 4.

(3) «VOX turturis audita est in terra nostra.» *Cant. dos Cant.*, II, 12.

(4) CASTRO ALVES: *Cach. de Paul. Aff.*, p. 11.

(5) CASTRO ALVES: *Ibid.*, p. 18.

(6) *Ibid.*, p. 18.

o bello e athletico vulto do escravo lenhador. Entrae com elle na senzala; percorrei esse *dialogo dos echos*, (1) que brincão com as agonias d'aquella alma; orientae-vos com o desvairado á pista da querida, que lhe fugiu; fitae os longes da paisagem, e haveis de adivinhal-a na canôa que fluctua, arrastada sobre o dorso do rio:

«Parecia, assim vista ao sol poente,
Esses ninhos que o vento lança ás aguas,
E que na enchente vão boiando á tóa.» (2)

Tarde rasga as vagas «o ferreo musculo» (3) do *nadador herculeo*. No batel, entregue aos caprichos da corrente, não encontrará mais que a rosa desbotada dos seus amores em busca das rochas, «que lhe desfolhem a vida» (4), expiação de um crime que não foi seu. O que o espera, não é o alvoroço; é o *adeus*. (5) Quem, relendo-o, não sentirá em si mesmo o pranto do escravo, amargo como as lagrymas

«...da b'rauna que o machado fere.»? (6.)

(1) *Ibid.*, p. 27-31.

(2) *Ibid.*, p. 31.

(3) *Ibid.*, p. 34.

(4) *Ibid.*, p. 39.

(5) *Ibid.*, p. 41-3.

(6) *Ibid.*, p. 45.

O adeus não lhe serve: elle occulta um segredo; e o amante o possuirá: ou o corpo do suicida, levado de envolta com as palmeiras do rio, irá seguindo a esteira da canôa, para lh'o exigir, entre maldições, «do seio turgido do abysmo». Mas «um grito fraco», «uma mão tremula» o detêm, e «a pallida criança»

« . . . encostou-se ao peito do selvagem,
Como a violeta, as faces escondendo
Sob a chuva nocturna dos cabellos. » (1)

A revelação da pomba maculada pelo milhafre espraia-se em tres cantos de uma poesia inimitavel. Está-se sentindo a calma tropical pelos heranças da savana bravia; vê-se por entre a candidez da criança a vaidade da moça espe-
lhando-se risonha no crystal que a vae banhar; estremece-se dos seus sustos; as suas hesitações communicão-se a nós; e, quando a «fuga desvairada» lhe arrebatá as plantas, ensanguentando-as nos silvedos, o coração vae-nos com ella. Que ha de fazer «a rola triste» nas garras do falcão, ou o timido cabrito nas roscas da giboia? Que farão, senão expirar?

(1) *Ibid.*, p. 48.

«Ou, se escapão, trementes, arquejantes,
Vão, lambendo as feridas gottejantes,
Morrer á sombra da floresta escura.» (1)

A mesma lyra que encerrava o segredo d'essa
doçura ineffavel, tem notas que scintillão como a
pupilla felina, para exprimir a transformação do
amante no tigre:

«O selvagem surgiu . . . sumiu-se o escravo.» (2)

E' nobre tambem, é tambem humano aquelle
sangue,

«Sangue queimado pelo sol da Lybia,
Que ora referve no equador ardente.» (3)

Vê-se o faiscar dos raios, que se lhe despedem
dos olhos,

«Qual das janellas de um palacio em chammas
As labaredas, irrompendo, saltão.» (4)

Mas esse «bronze de Achilles furioso» (5)
guarda ainda no coração o leite das mais caricio-

(1) *Ibid.*, p. 60.

(2) *Ibid.*, p. 61.

(3) *Ibid.*, p. 62.

(4) *Ibid.*, p. 61.

(5) *Ibid.*, p. 62.

sas affeições. Para a victima, cuja deshonra era, ao mesmo tempo, a sua, aquella alma, onde a vingança apagara quasi a rasão, sabia ainda meiguices como esta:

«Enchuga os olhos, meu amor, enchuga!
Que culpa tem a clicia descabida,
Se abelha envenenada o mel lhe suga?» (1)

E as palavras em que o filho acorda ao lado do amante, têm quasi a unção de uma prece:

«O' minha mãe! ó martyr africana,
Que morreste de dôr no captiveiro!» (2)

E' por entre o delirio da febre, sulcado de maldicções e ameaças, que se entremostra assim o fundo azul d'aquella natureza. Mas a vingança pesava n'ella com todo o negrume das suas nuvens; e é d'ahi que borbota, como um cyclone, o canto do *desespero* (3) de Lucas. Tão mesquinha seria a mão da critica, para retocar a giz essa tempestade da desgraça, quanto a insania de um louco para conter os bulcões do céo.

Todo o fel do captiveiro dir-se-hia vertido pela fatalidade na taça d'aquella victima; todo o fel do

(1) *Ibid.*, p. 63.

(2) *Ibid.*, p. 70.

(3) *Ibid.*, p. 67-71.

cativeiro parece expremido pelo poeta n'aquelles versos. O poema do desespero do escravo deve ser esse. Allí a colera troveja imprecações de uma grandeza biblica; a ironia chispa como o aço de um estylete; cada phrase traspassa os algozes como a ponta hervada de uma setta. Aquella fronte elevadamente humana fez-se de fera, para sacudir o vilipendio immerecido; e aos labios, contrahidos por um amargor incomparavel, erer-se-hia ver as-somarem-lhe, a cada palavra, laivos de sangue do coração mortalmente retalhado.

Depois. . . a historia da impureza que dera o ser ao escravo e á mãe a morte; o leito de onde ao filho,

«Pequeno, captivo e nú,» (1)

a moribunda,

«Preso ao céo pelo desejo,
Preso á terra pelo amor,» (2)

affaga-o com o olhar marejado, como

« . . . o raio derradeiro,
Que a lua, quando se apaga,
Manda por cima da vaga,
Da espuma por entre os véos. » (3)

(1) *Ibid.*, p. 78.

(2) *Ibid.*

(3) *Ibid.*, p. 74.

A mãe penitente aos pés da innocência do filhinho é um d'esses quadros de que quasi só a escravidão seria capaz. Mas, como dignificação da mulher polluida pelas brutalidades do captiveiro, resceude um aroma de quasi sobrehumana santidade. Gerando

«... um filho para a dor e a fome,» (1)

não era ás portas do céo, era ás do amor filial, que ia bater a sua derradeira oração. A «esmola» de uma lagryma infantil foi-lhe o viatico para o ultimo transe. Despede-se «bemdizendo», e grangeando o indulto do verdugo. A ultima palavra da sua intelligencia é um legado de misericordia :

«Deixo-te...

Um crime a perdoar.....» (2)

O mais já não toca á razão, nem á vida. Uma ironia livida empana a physionomia da agonisante, e os labios balbucião, no ultimo bruxolear da lampada :

«Depois, *teve razão*... Essa mulher
E' tua e minha *senhora*.» (3)

(1) *Ibid.*, p. 82.

(2) *Ibid.*, p. 84.

(3) *Ibid.*,

Esse rictus funebremente sarcástico ou pertence já ao sepulchro, ou é a dor cruciante da extrema punhalada no coração presago da mãe com os olhos estendidos pelo captivo do filho, deixado quasi entre as faixas do berço.

Quem ouse dizer que Castro Alves não comprehendeu a natureza, ou não leu o *Crepusculo Sertanejo* (1), ou esse sim que é incuravelmente incapaz de entendel-a. O morrer da tarde; as sombras deitando-se longas pelas aguas barrentas; o chorar das arapongas

«Na esguia atalaia das arvores seccas»;

as trevas, leopardos negros, rastejando d'entre a ramaria das selvas, as pedras do chão, o musgo da terra e os cardos das ruinas; a galha da engazeira lavando-se na corrente; as garças com o bico vermelho

«Por baixo das azas da brisa ao açoite»,

e a terra

«Cobrindo a cabeça co'as pennas da noite»;

o olhar inquieto do touro selvagem por entre os vimes e as nymphéas enormes das ribas alagadas,

(1) *Ibid.*, p. 89-91

e atravez dos bandos de aves aquaticas o resvalar da canôa silenciosa: que tela e que musica!

Bandolim da desgraça (1), que revibras nervosamente, soluçando, nos versos do poeta, mão fatidica te dedilha á prôa da *canôa phantastica*, sem leme, sem remo, sem vela, tendo por piloto uma estatua, uma sombra, ou um espectro. Embalas talvez os ultimos sonhos do anjo extenuado na lucta victoriosa do perdão contra a vingança. Vede-o:

« Vão-lhe os cabellos a rastos
Pela esteira da canôa. . .
E as flores roseas dos golfãos,
Pobres flores da lagôa,
Enrolão-se aos seus cabellos,
E vão seguindo a canôa. » (2)

Em torno, a perder de vista,

« Do São Francisco a soberana vaga
Leguas e leguas triumphante alaga. » (3)

E' n'um toque de pincel uma descripção inteira.

(1) *Ibid.*, p. 93-95.

(2) *Ibid.*, p. 98-9.

(3) *Ibid.*, p. 101.

«Antemanhã sob o sendal da bruma
Elle vagia na vertente ainda;
Lympha amorosa, co'a nitente espuma
Orlava o colo da mineira linda;» (1)

e pouco depois

«Vem, á busca talvez de desafogo,
Bater á porta da bahiana esquiva.» (2)

E' elle, o namorado rio, que arrasta vertiginosamente o batel sem porto rumo da purificação no regaço da morte redemptora. Marulha temerosa ao longe essa cachoeira, a que o bardo talhou no granito do seu genio o primeiro esboço de uma imagem escultural inacabada, incorrecta, mas onde já se adivinha a mão do grande estatuario.

Quasi á sua orla estremece pela primeira vez o vulto hirto, e um fundo olhar baixa sobre a moça exanime.

«Ella estava gelada, como a garça
Que a tormenta ensopou longe do ninho,
No vasto mar.

(1) *Ibid.*, p. 102.

(2) *Ibid.*

«Tomou-a no regaço... Assim no manto
Apanha a mãe a eriancinha loira,
Tenra a dormir.

Apartou-lhe os cabellos sobre a testa
Pallida e fria... Era talvez a morte,
Mas a sorrir.

Pendeu-lhe sobre os labios. Como treme
No somno aza de pombo, assim tremia-lhe
O resonar.» (1)

Seguem-se as nupcias sublimes dos dois banidos da vida, quasi á aresta da catadupa insondavel, de onde lhes entende os braços a liberdade, impossivel na terra.

— «Sabes que voz é esta?»

Ella scismava!

— «Sabes, Maria?»

— «E' uma canção de amores,

Que além gemeu?»

— «E' o abysmo, criança!»

A moça, rindo,

Enlaçou-lhe o pescoço.

— «Oh! não! não mintas!

Bem sei que é o céu.»

(1) *Ibid.*, p. 109-110.

— »Doida! doida! é a voragem que nos chama!...»

— «Eu ouço a liberdade!»

— «E' a morte, infante!»

— «Erraste. E' a salvação.»

— «Negro phantasma é quem me embala o esquite.»

«—Loucura! E' tua mãe... O esquite é um berço,

Que boia n'ampidão.»

— «Não vês os pannos d'agua como alvejão

Nos penedos?... Que gelido sudario

O rio nos talhou!...»

— «Veste-me o selim branco do noivado...

Roupas alvas de prata... alventes dobras...

Veste-me!... Eu aqui estou!»

— «Já na prôa espadana, salta a espuma...»

— «São as flores gentis da lorangeira,

Que o pego vem nos dar!...

Oh nevoa, eu amo o teu sendal de gaze!...

Abrão-se as ondas como virgens loiras,

Para a esposa passar!...»

.....
A celeste africana, a virgem Noite,

Cobria as faces... Gotta a gotta os astros

Cahião-lhe das mãos no peito seu...

Um beijo infindo suspirou nos ares...

.....
A canôa rolava! Abriu-se a um tempo

O precipicio... e o céu!... (1)

(1) *Ibid.*, p. 115-119.

Não é mais celeste o empyreo que se abre sobre Margarida, na tragedia de Goethe, do que, n'este poema, o céu que sorri nos olhos da escrava, a casta desposada, enlaçada ao noivo, com os pés no vórtice e o hymno da liberdade na bocca. Somente, aqui não é a perdição rehabilitada pelo arrependimento: é o martyrio, n'um extase de triumpho, revestindo-se do amor innodado, para comparecer á presença do Deus emancipador.

Eis a obra de Castro Alves, senhores; e a sua obra é a sua vida. A mão da morte apagou-o d'entre nós; mas a gloria restituiu-o ao horisonte como a estrella da manhã para o captivo.

Dôa, como doer aos dissecadores de genios, o nome d'elle ha de ligar-se indelevelmente a uma das phases mais decisivas da historia nacional, e a sua poesia é bella d'essa belleza indefinivel, ante a qual a alma não enumera, não esquadrinha, não argumenta: commove-se, quando não ajoelha. *E' bella, perchè è bella.*

Na graça e na colera os seus versos lampejam frequentemente com alguma coisa de Éschylo e Dante; com Shakespeare, e grande mergulhador do coração humano, ereriamos que foi buscar alguma vez para a sua obra perolas e monstros d'esse pego; compete não raro com Hugo na ma-

gnificencia oriental do colorido; e, quando chora, que alma sensível não murmurará comnosco:

«Tambem sabes chorar como Eloah!» (1)

Já vos disse senhores: critico não sou, nem tive em mira uma critica. Exprimo emoções. Não quero outro commentario, nem outra consagração para o nosso poeta. Exprimo emoções; e a vossa me basta: ella me justifica, e attesta a minha fidelidade.

Agora, a justificação do decennario está em que esse sentimento vosso não se circumscreve a esse recinto: retrême, como em vós, no coração do paiz. Senão, oução o seu echo na capital do Imperio. E' que Castro Alves escreveu o poema da nossa grande questão social e da profunda aspiração nacional que a tem de resolver.

Pulsa a liberdade até nas suas canções de amor. E' como se ella fosse para o bardo o que, nas primitivas crenças da Héllade, era Zeus — a natureza e a vida universal: «Zeus é o ar, Zeus é o céu, Zeus é a terra, Zeus é tudo quanto possa haver ácima de tudo.» Elle sentiu, porém, que a liberdade de uma raça fundada na servidão de outra é a mais atroz das mentiras; percebeu que a histo-

(1) CASTRO ALVES: *Espum. Fluct.*, pag. 45.

ria da nossa emancipação nacional estava incompleta sem a emancipação do trabalho, base de toda a nacionalidade; e fez da conjuração de Minas o berço, não só da nossa independencia, como da libertação futura das gerações condemnadas ao cativeiro pela politica dos nossos colonisadores e pelos interesses dos traficantes. «Não mais escravos! não mais senhores. Liberdade a todos os braços, liberdade a todas as cabeças!»: é o brado que reboia da alma flammejante de Gonzaga; é a nota perenne de toda a obra poetica e dramatica de Castro Alves.

Ora, o elemento servil é o cunho negro de toda a nossa historia, e a extincção do elemento servil será a fimbria luminosa de todo o nosso futuro. A ignominia que barbarisa e deshumana o escravo, conspurca a familia livre, escandalisa no lar domestico a pureza das virgens e a castidade das mães; perverte irreparavelmente a educação de nossos filhos; atrophia a nossa riqueza; explica todos os defeitos do character nacional, toda a indolencia do nosso progresso, todas as lepras da nossa politica, todas as decepções das nossas reformas, todas as sombras do nosso horisonte. O abolicionismo é a expressão da mais inflexivel das necessidades sociaes. Quando a uma lei d'estas

chega o momento providencial da sua verificação, a linguagem dos que condemnão como incendiaria a propaganda precursora lembra a insanias do persa açoitando o Helesponto. «O' tu, agua amara», clamavão os flagelladores, «eis o castigo que nosso amo te impõe. Ha de atravessar-te el rei Xerxes, queiras, ou não. Com razão ninguem te offerece sacrificios, falso mar! pois não és mais que um perfido rio d'agua salgada.» O mar que engolira as mil e duzentas triremes da esquadra subjugadora, ria, na sua espuma, dos fustigadores impotentes, e Herodoto reproduz-nos as apostrophes do velho monarcha oriental, indignado contra o filho, sacrilego insultador da divindade marinha. «Esperava elle, mortal, levar de vencida todos os deuses?» O accesso de pueril loucura desaparecia, para não deixar ver aos olhos do crente senão a impiedade profanadora. Mas os deuses universaes hoje são as leis que regem irresistivelmente o muudo, e cuja fatalidade esmagadora não perdoa á impia inepecia dos violadores da ordem eterna.

D'esses, felizmente, entre nós, se ainda existem, são atomos perdidos no seio da civilização brasileira: cumpre consignal-o, não aqui, onde ninguem o ignora, mas ante o mundo, em cuja opinião erroneas apreciações e falsas noticias podem ir-nos

fazendo passar como um povo ainda não convencido da illegitimidade da escravidão e da urgencia de abolil-a. Cumpre affirmal-o ante o mundo, aonde a minha voz não póde chegar, mas a vossa chegará certamente. Diga então ella por toda a parte a verdade: diga que o Brazil não sente menos do que a Europa a perversidade e a indignidade d'esta instituição; que elle vê empenhada na solução d'este problema a fibra mais vital do seu ponto de honra.

E' um stygma que lidamos supprimir, e a cujo contacto as faces d'esta nação, tão generosa quanto possa ser o velho mundo, purpurêo-se d'esse rubor sombrio que, no Paraizo da *Divina Comedia*, afogueava de indignação e vergonha a face do céo. (1)

Eis o que eleva Castro Alves á altura de um poeta nacional, e bastante eminente para representar uma grande manifestação da patria: é que a alma da sua poesia é a aspiração culminante do

(73) «Di quel color che, per lo Sole avverso,
Nube dipinge da sera e da mane,
Vid'io allora tutto'l Ciel cosperso.

paiz. Nos seus cantos geme pela liberdade o passado, pugna o presente, e triumpho o porvir.

D'esse porvir pelas perspectivas infinitas é grato aos homens de fé estender olhos anciosos. Ellas encerrão inspirações inexauriveis, como a grande arte da antiguidade, em que a obra prima de Phidias, o templo de Athenè, tocando o limite do genio humano, parece ter deixado á posteridade a propheta divina da civilisação. A investigação artistica, fundando-se no hymno homerico, buscou recompor na frontaria oriental do Parthenon, gasta pelo perpassar de mais de vinte seculos e profanada pelo barbarismo christão, a epopéa, viva no marmore, no oiro e no marfim, (1) do mestre dos mestres: o nascimento da deusa que presidia aos destinos e representava o genio de Athenas. Segundo a mais plausivel das suas interpretações, o sublime poema de pedra exprimia «a emoção causada pelo nascimento de Minerva nas tres regiões do mundo: o Olympo, a terra e o mar. E' a iniciação de uma nova ordem de coisas, traduzida de um modo symbolico e plastico ao mesmo tempo. A deusa da civilisação atheniense, pura filha do

(1) «Phidiacum vivebat ebur.» JUVENAL.

espírito, surge imprevistamente entre as antigas divindades, a que vinha succeder. Conjectura-se escolhido pelo artista o momento em que, depostas por ella as armas, a admiração pela sua belleza seguiu-se entre os olympios ao terror produzido pela sua inesperada presença. Iris e a Victoria annunciação ás duas regiões inferiores a apparição de Minerva. A mensagem de Iris era benevola, e figura attrahir para a deusa o grupo das divindades telluricas, numes da paz e da ordem social, bemfezas e civilisadoras. Esse grupo denotava alar-se para o sol, que se levantava no horisonte, esparzindo luz: elle significava o que vinha. Diversa era a mensagem da Victoria, endereçada ás divindades marinhas, symbolos das paixões tumultuosas, brutaes, ou lascivas, n'um estado social inconsistente. Lá se vão ellas fugitivas, expellidas pela presença da filha de Jupiter, com a lua que baixa do céu para sob o horisonte, levando consigo os perfidos prazeres e os usos supersticiosos da era barbara.»

(¹) Para mim, senhores, eis a allegoria epica da lenta evolução da nossa especie. Esse disco de baça claridade e reflexos sangrentos, que pouco a pouco

(1) L. DE RONCHAUD: *Phidias, sa vie et ses ouvrages*. Apud LITTRÉ: *Littérature et histoire*, p. 410.

se vae recolhendo para o occidente, sob o manto da victoria, é a tradição da conquista, da violencia e da escravidão, emquanto Athenè, a personificação da sciencia e da arte, da humanidade e da paz, ergue-se no oriente, entornando ao longe, por toda a parte, a benevolencia, o espirito e a liberdade entre os homens.

Felizes, abençoados e grandes os que, como Castro Alves, podem ser um dos raios d'essa alvorada!

Terrence a.
~~Antonio~~ Lopes Junior,
Redactor do - Invicto -
Periodico Critico e Litterario.

1881.
PELOS ESCRAVOS

E' de
~~Antonio~~ Lopes Junior

1881
Chm

RUY BARBOSA

PELOS ESCRAVOS!

AS SENHORAS BAHIANAS

Ahi vae já por mais de quatro annos.

Então muitas d'entre as leitoras, resplandecentes hoje na sua expandida formosura como as rosas de Cashemira no luxo das suas cem petalas, erão ainda apenas feiticeiros botõesinhos, meio escondidos no verde calyx dos seus onze annos, timidos e sorridentes.

Nos longes da sua phantasia conjecturo eu que ainda agora poderião vislumbrar, transformada em visão remotissima e indefinida, uma suave reminiscencia de certo dia de abril. (*)

(*) O folhetinista alludia a um escripto de Castro Alves, dado á luz no *Diario da Bahia*, ácerca de assumpto analogo, em abril de 1871, e que o *Diario de Noticias* reproduziu este anno na sua edicção do Decennario.

O genio irresistivel da poesia pairava-lhes em torno, desprendendo das azas, como pranto do cêo, as harmonias da caridade; e cada gotta melodiosa d'aquelle orvalho, recebida n'uma alma, convertia-se n'uma perola de amor, n'uma caricia, n'um consolo para um grande infortunio vivo entre nós.

Assim contão lendas orientaes que as chuvas do firmamento, acolhidas nas conchas reconditas do oceano, crystallisão-se n'essas lindas joias marinhas tão cobiçadas para adereço de bellas.

Era Castro Alves, invocando pelos escravos a piedade civilisadora da mulher.

A inspiração, consciente da sua energia, emmudecera nos labios do poeta a cadencia embevecedora do verso.

Mas, na sua prosa, modulada como prece, ouvia-se gemer encantadamente a cythara, como nas paginas do cantor de Cymodecea, Atala e Renato.

Hoje desapareceu a musa; e o cysne voga além, para lá d'esse lago azul em cujo seio Deus deixou a terra como esmeralda esquecida n'um envolvero de saphira.

As vibrações plangentes d'aquelle supplica esparzirão-se no ar, confundidas á musica infinita e perenne da poesia, que esses peregrinos do cêo perpetuão na terra, como do murmurio das vagas, dos segredos imperceptiveis do zephyro, do dialogo incessante das arvores, da bulha mysteriosa das folhas sêccas, dos ge-

midos solemnes da montanha, do chilrear dos passaros condensa-se esse accôrdo ineffavel e continuo da natureza, que nos circumda, nos inebria, nos vivifica, e nos domina.

Debalde o atrevido folhetinista de hoje apura toda a subtilidade dos sentidos, e tenta desentranhar de si faculdades ignotas, para colher no vôo um tenue echo perdido d'essa voz, que não ouvimos mais.

Ah que, se o pudesse, com que soffreguidão e que amor o não fixara ao instrumento mudo e inerte da sua imaginativa!

Então levantaríeis a mão do teclado, ou deixal-a-híeis cahir insensivelmente sobre a costura; e, embebidos os olhos d'essa humidade, em que o extase envolve a pupilla dos que scismão, fitos os ouvidos e a alma, iríeis seguindo, sem cuidar, a repercussão d'essa toada longinqua, como haveis de seguir, em mente, ainda hoje, em muita hora de saudade, a doce cantilena materna com que se vos embalou o berço.

Mas, ja que não é com prestigios d'esta nossa esphera que se hão de captivar os sylphos esquivos e sussurantes d'esse outro mundo magico, fiquem embora ahi, em sua monotonia silenciosa, as cordas prosaicas e terrenas, incapazes de módulos celestes.

Esqueção o folhetinista, que não passa de um *dilletanti*, presumido talvez, com certeza impertinente.

Deixem palpitar sómente o coração das minhas circumstantes, côro de harpas eólias que, ao resvalar

do sopro indistincto e permanente dos soffrimentos humanos, estremecem, resoão e exhaurem-se deliciosamente n'um lamento de dôr, de consolação e de fê.

Escutem.

Não é mais a uniforme surdina da aragem percorrendo melancolicamente a planicie nua, sem promessa de arbusto onde poise, baloice-se, e embeba o frescor da sombra.

E' o fluctuar convidativo e poetico da viração n'um d'esses retalhos de terra verdejante, dispersos no deserto, onde ha a tepida atmosphaera dos tropicos para conforto, arvoredos por cortinado ao somno, e a nepenthes com as suas flores e as urnas graciosas cheias de agua crystallina, furtada ao sol, para o forasteiro sedento.

E' uma inenarravel symphonia de almas commo-vidas, que estala como paixão magoada, quebra e adormenta-se como canto inspirador de sonhos bons á cabeceira de doente amado, freme como a alegria em consciencia illuminada pela bondade, prolonga-se como um d'esses osculos de casto affecto em frente de desconsolado esposo, e soluça, reprimindo-se, como pranto interrompido e enchugado pela esperanza.

Para isso mais não era mister que uma idéa, uma suggestão, um toque, a rubrica d'este folhetim, um instantaneo relance de olhos a essa enorme e secular desgraça do captiveiro.

Deu o Omnipotente á mulher a compleição da flor.

Não é uma galanteria ás senhoras presentes.

N'esta figura, em que tanto se comprazem litteratos e namorados, ha a expressão de uma verdade tão instinctiva, que, n'uma das linguas de Asia, primitiva patria do homem, mulher e flor se conhecem por um nome só.

Flor de tanto mimo e mais melindre ainda que a sensitiva pudica e nervosa,—á terrivel lembrança d'essa desventura incomparavel, que tem devorado gerações inteiras, d'esse millannario crime, que deshumanisa toda uma familia de irmãos nossos, d'esse como stygma de Caim gravado até hoje nas espaduas d'este grandioso paiz, — a esse pensamento de angustia, como se hão de ter as frageis creaturas divinas, que se não contraião de afflictas, inclinem-se da haste para o chão, e exhalem-se no seu aroma de inextinguivel affecto?

Estão vendo, portanto, as benevolas ouvintes e o circulo de *mirones* que ahí ondeia por fóra, sem convite, a invejar-me o auditorio, e espiar-me a palestra; estão vendo já que o folhetinista não vem de mão estendida ao obolo da generosidade por esses infelizes.

Fôra mais que uma superfluidade: uma offensa.

Implorar é antecipar-se á providencia do bemfeitor, suppril-a, ter mal segura a confiança n'ella, na sua certeza, na sua promptidão, na sua liberalidade.

Deante de Deus, sim, prostre-se o peccador, e ore;

porque, se é bom, é também severo; é pae, mas ha de ser sentenciador; é a misericordia, mas é, ao mesmo tempo, a justiça.

Mas perante a mulher, porque os joelhos no pó, a postura supplice, os olhos envergonhados?

Pedir-lhe é desconhecer n'ella a Providencia universal do desvalimento e da miseria.

Fallar-lhe em esmola é pungil-a ingratamente.

A esmola é o esforço, a privação, o sacrificio. Bella e bem fadada palavra, mas que não condiz senão áquelles entre quem a abnegação é um accidente, ao sexo endurecido no labor agro do mundo, em que a caridade é uma reflectida conquista do espirito sobre o interesse.

Mais seductor, porém, ainda, e mais digno de bençãos o nome a que tem direito o sexo liudo; porque elle é a caridade mesma.

Não pratica a virtude; tem-n'a consubstanciada em si.

Não se desapega a mulher, como nós, por uma reacção violenta e dolorosa, da sua personalidade, para acudir ao desamparado: entrega-se ao infortunio alheio, e vive, identifica-se, medra n'elle, inteira, serena, absorta, feliz. Mais constante que o relento benefico da noite, não tem alternativas a sua dedicação, ininterrompida como o ar, o movimento e o calor. Não se queixa, porque não forceja; não tem que resignar-se,

porque se não constrange; faz o bem como nós respiramos, como as aves trinão, como o sol irradia.

E', digamos assim, a sua funcção vital.

Dir-me-hão que, d'este modo, o nosso papel é mais heroico.

Responderei que o d'ellas é angelico, e, entre anjos e heroes, pelos anjos será sempre o meu voto.

Não é, pois, esmolar para os captivos o que vim fazer; não é nem as alviças do festim libertador o que aspira o folhetinista.

Tarde chegaria sempre a noticia, por mais que se apressasse a penna; que, onde surdiu occasião de entornar balsamo n'um martyrio, ahi chegou, por instincto, antes de ninguem, a mão da mulher com a amphora da caridade.

Essa propriedade adoravel infundiu-vos o Creator, como ás plantas a de presentirem e adivinharem a luz.

Vae um experimentador implacavel, toma um rebentoso viçoso, nutrido de raios solares, e o consagra ás trevas, nas profundezas da terra, em alguma obscura escavação, onde passos de mineiro se não affoitarião sem a lampada salvadora de Davy, nem olhos de nyctálope descobrião vestigios de um reflexo luminoso.

Deixae actuar o tempo. . . Vereis o pobre vegetal suppliciado, exausto e desbotado de saudades do sol, crescer no meio da sua tristeza, estender dia a dia o collo filiforme, despido e pallido; serpear; retrahir-se

deante dos obstaculos, e marginal-os; sumir-se pelo chão, e resurgir; dilatar-se persistente, incessante, infatigavel; subir, estirando-se pela parede negra da galeria; apalpar-lhe as saliencias; enfiar-se por algum intersticio inexplorado, longo, tortuoso, estreito; atirar-se, onde ninguem pensara, por alguma fisga imperceptivel do solo; evadir-se, afinal, atravez do relvado, á prisão subterranea; e, saudando, no seu verdor mal corado ainda, as florinhas do campo, receber avidamente o primeiro beijo dos esplendores do dia.

De sorte que trazer-vos novas da festa de 5 de setembro fôra ingenuidade, que uma delicada zombaria vossa, disfarçada n'um affavel agradecimentõ, puniria bem.

A malicia, transparente na polidez do sorriso com que havieis de acolher o apressurado, mas serodio, noticiador, ser-lhe-hia para o amor proprio uma decepção mortal.

Todo o meu proposito, a minha audacia toda, pois, reduz-se a querer estar assim comvosco, praticando, na familiaridade inestimavel do sentimento, sobre a sorte dos miseros que tiritão no frio do captiveiro, sob esta azulada abobada, onde tantos astros quantas as minhas ouvintes abrigão no regaço thesoiros de calor vivificante.

D'entre as pensativas circumstantes calculo eu não haverá uma só, que, da sua varanda, não tenha muita

vez festejado, a sorrir de inconsciente admiração, a hora do despertar no céu e na terra.

Abris, alvoroçada, a janella, por onde já vos andava de fóra, talvez, a aragem matutina a ciciar queixumes de lhe não terdes vindo receber mais cedo as fragranças, com que por vós madrugou.

Na retina, de onde se vos vae apagando a ultima imagem dos sonhos caprichosos, por entre as palpebras ainda apenas a meio descerradas, o matiz da paisagem espelha-se-vos, fulgindo como n'um aljofar de orvalho.

A brisa embalsamada, a que franqueastes o recesso inspirativo de vossos purissimos segredos, passa-vos, brincando, pelos cabellos desatados, para ir deter-se, entrando, amorosamente no travesseiro da criancinha adormecida; e o primeiro raio travesso do sol vem descansar-vos de soslaio na fronte, como diadema de uma realesa que não tem senão adoradores.

De ao pé de vós o jasmineiro, entornando-se da sua poisada aerea, contente, no seu exilio, entre os vossos carinhos, arrasta solta a sua vestidura verde, esmaltada de estrellinhas alvas, emquanto, mais acima, no beirado de casa, empina-se a avesinha, lá do ninho temerario, a gorgear, e a rir.

Parecer-vos-ha então que d'esse panorama indescritivel não quiz Deus que houvesse outros contempladores vivos, senão vós e o alado musico da alvorada.

Mas não; illudis vos.

A par d'esses dois mundos, n'um dos quaes vive

cantando o passaro, e no outro as minhas leitoras são rainhas, terceiro mundo ahi se vos está desdobrando aos olhos, cheio de vida e mysterios como o nosso.

E' o mundo extenso, calado e solitario da vegetação.

Vive a planta, como nós, tambem, leitoras, ella que é condição de nossa vida.

Como nós, nasce fragil, soffrega do seio materno; cresce entre beijos e affagos, como vossos filhos; tem sede de seiva e de luz; respira e decompõe o ar como os pulmões humanos; sente, deseja, e soffre; luta pela existencia com a tenacidade imperiosa do instincto animal; estremece de amor em sensações desconhecidas, e reproduz-se; refaz-se no somno das noites; ergue-se jubilosa, ao alvorecer; córa apaixonada ao brando contacto das auras tropicaes; definha entre as brumas; ao ardor do areial estala sequiosa; na sombra, empallidece; e á tarde parece que devaneia.

Quer mais o meu auditorio?

Pois vou apontar-lhe ainda outra região de creaturas animadas, em cuja parecença connosco bem raro attenta o homem.

Leitoras, no meio do campo luxuriante, vede a senzala nua e esboroadada.

Sob esses tectos ha um mundo, que vegeta, como a planta vive; entes que têm paixões, filhos, enfermidades, agonia e morte, bem que não conheçam patria, nem noivado, nem lar, nem olhos chorosos sobre o tumulo.

Um e outro, o vegetal e o escravo, elaborão-nos o pão; um e outro consommem-se por nós; de um e outro somos os soberanos.

Todavia, nem num, nem noutro, podemos, podeis, empregar o nosso, o vosso amor.

Porque o amor é a identificação, a unidade; e entre elles e nós ha o abysmo do espirito, da liberdade que lhes falta.

Notareis apenas que, no reino silencioso das plantas, consentiu o Omnipotente os effeitos prismaticos da luz, a folhagem viridente, a flor de cores festivaes, os pomos de oiro.

A multidão captiva, porém, traz nas carnes inviolavel lucto.

Dir-se-hia o manto immovel de um feretro sem ou-
ropeis. Feretro de um povo.

Sabeis a narrativa evangelica de Lazaro e Jesus.

Pela caridade, pela origem commum, pelo commum destino, sois, como Maria, irmãs dos que em vida ahi jazem na sepultura da escravidão.

Uma palavra, uma emoção fraterna, um olhar de ternura, e . . . quantos não serão redivivos, abençoando-vos?

Leitoras, antes que me increpem, accusar-me-hei eu proprio.

Essa comparação minha é uma injustiça ao Creador e uma complacencia immerecida com os homens.

Negou o Senhor á planta a tempera do pensamento e da vontade livre; mas influiu-lhe gosos, belleza e privilegios encantadores.

Nós descoroamos da liberdade aos que de Deus a houverão sacrosanta, e com isso os abatemos ao infimo grão da escala creada: até abaixo do reino vegetativo.

Segue o heliotropo, com affectuosa perseverança, desde o dardejante oriente ao poente rubro, o curso do sol esplendido.

Ao escravo, porém, onde fica o astro da sua vocação?

Sensível como virgem, a mimosa dos prados foge, assusta-se, desfallece ao nosso contacto, ao simples halito nosso.

Mas á mulher captiva quem lhe deu o direito da pureza?

Pendente do caule, a desmódia oscillante balanceia-se, contando insoffrida os segundos, com a certeza de um pendulo, como alma impaciente pela ventura que tarda.

E o escravo esqueceu até o dia do nascimento, porque todos os seus dias são eguaes.

Nada a valisnéria faceira e florida a tona do lago placido; o esposo, abysmado nos seus desejos, preso ao alveo, sob a agua diaphana, araricia-lhe os pés; é vinda, emfim, a calida estação das nupcias; quebrou a flor masculina os vinculos da sua timidez; despega-se do fundo; alteia-se; emerge; enlaça voluptuosamente a corolla á desposada gentil; e a flor, mãe, despreza o

toucado e as galas, para se engolfar no retiro crystalino, onde vá desvelar tranquilla o fructo, o mimo, o premio dos seus amores.

Leitoras, quem deu á escrava amores impollutos, fecundidade bemdita, solitaria obscuridade domestica? á escrava, para quem é ignominia a maternidade, que vos santifica?

Vêde a folhagem risonha do laranjal. De dia é toda oxygenio, que aviventa, e perfumes inoffensivos; de noite sob essas exalações balsamicas insinua-se o carbono, que asphyxia.

Assim o homem.

Banhado nas ondas luminosas da liberdade, fertilisará o globo.

Redusido, na oppressão, ás trevas, encherá de morte em derredor a atmosphaera empobrecida.

Ha nada mais innocente que o lyrio amovel dos valles?

Entretanto, povoe d'elles, á tardinha, a alcova, e... bem póde ser que não acordeis mais.

Tambem no escravo está deposto o germen fragrante da virtude. Porque é, pois, que a sua convivencia vos empesta o ambiente do lar?

Leitoras, restitui os coitados ao ar livre, e a sua visinhança já não vos ha de aterrar como a de pantano estagnado: desprofanareis o sanctuario do amor con-

jugal; restaurareis a obra divina; expiareis o nosso attentado.

Lembrão crenças populares da India que divindades gigantescas e crueis pelejarão contra as peris, ethereas creaturinhas do paraizo, mantidas da essencia das flores, e, depois de as vencerem, as dependurarão em prisões de ferro á ramaria de arvores altissimas.

As miseras prisioneiras vião de longe os comoros vicejantes, as borboletas, os nenuphars, e finavão-se no supplicio atroz.

Leitoras, em cada captivo ha tambem uma alma, encadeiada, a espreitar lá de dentro a bemaventurança da liberdade nos outros.

Aqui as Divas sois vós: uma inflexão do vosso olhar, e triumphareis dos oppressores, envergonhando-os.

Sereis então semelhantes a Deus.

Perdoem-me as ouvintes bondosas; não é tental-as como a serpente biblica.

Se entrarem, recolhidas, em si, advirtão que hão de ouvir talvez essa tentação, mas... do seu anjo da guarda.

Leitoras, é para um *leilão* que vos convidão.

Ora que, se não fosse puerilidade brigar por um nome, sempre me havia de enfadar aqui muito com os

meus bons amigos, os abolicionistas, por esse malsoante baptismo.

Verdade é que á mingua de outro. . .

Acerquem-se as senhoras, sem medo, que não vêm assistir a nenhuma almoeda mercantil, a nenhuma feira de compra e venda.

Estas prendas não têm preço. Cada uma, no convívio emancipador, é o symbolo de uma acção boa. Quer dizer: vale todas as opulencias da terra e as recompensas infinitas do céu.

Cada uma é uma benção.

Mãe, que vos revêdes na meiga gentileza da filha, aquelle ramalhete de madre-silvas agrestes, que ella anda, alli na mesa, a namorar, de ambiciosa, assentava-lhe tão bem! Parecem-vos mortas? Mas reparae que são rescendentes e orvalhadas: rescendentes da mão de fada que as teceu; orvalhadas do suor de amargura, que hão de estancar ao escravo redimido. Onde lhe achareis outro enfeite assim, virgineo e celestial?

Noivo, que, sem duvida, antes de mim advertistes já na insistencia de certos olhos fascinantes, repartida alli entre os vossos e o primorzinho artistico d'aquelle beija-flor de plumagem vivaz e cambiante como as vossas esperanças, porque não ha de ir elle, por vós, poisar nas tranças d'aquella amavel invejosa? Que mais auspicioso agoiro para vossos amores?

Pae, que ahi vos estaes distrahido no filho, a quem o colorido scintillante d'aquelle brinco infantil captivou

os desejos, — se o preço d'essa innocencia do pequenito fosse a resurreição de um espirito? . . . Se um dia lhe podesseis referir que um capricho de sua puericia fôra a salvação de um opprimido?

Ah! que afinal agora sou eu o penitente ante os meus patricios da *Libertadora* . . . Excellente razão tinhão, para olhar tão pouco ao nome, quando a scena enfeitica assim.

Feito era do folhetinista, se não estivesse agora entre philantropos!

Reflectisse mais, e vira que feio nome e ignobil coisa era cruz, e, comtudo, tem para a terra o vulto sublime do Christo e dois braços de paz estendidos sobre o genero humano.

Sabem as perspicazes interlocutoras d'esta minha conferencia que, d'entre os muitos apanagios e licenças de que dispõe o folhetinista, a menos lisongeira não é a da curiosidade impune.

Do album que a mão vos folheia inscientemente, emquanto a vossa attenção me está honrando, que de seductoras creaçõesinhas do pincel e do lapis a avara modestia da artista me não vae escondendo!

Flores e passaros; perfis de moças e crianças; ovaes de cabeças romanticas e scismativas; labios como corollas de rosas humidas na ante-manhã; ciliros baixos como véu de ligeira obscuridade em enseada limpida e

azul, ou erguidos a entremostrar a alma; um encontro, uma despedida; uma vindima rumorosa, uma seara ondulando ao vento, um partir de madrugada para o trabalho em herdade campestre, um volver com a colheita á noitinha; algum correr de cães na floresta ao encalço de gamo perseguido, ou mallogro de caçador, mirando ao longe a lebre, que lhe salta de ao pé; um ermo á beira mar; um campanario sósinho entre serros como saudade em coração despovoado; uma encosta com o seu moinho de leques rodopiantes; o baixar manso da sombra á tarde pela montanha; o clarão da lua cheia a deshoras; o oceano gemente, deserto, com as suas phosphorescencias brilhantes e alguma vela no horisonte como aleyon boiando . . .

Ah! leitoras, a minha indiscrição contraria-vos . . .

Pois pegae-me embora o repertorio das vossas horas vagas; arrecadae tambem na cêsta os prodigios da agulha milagrosa.

Para d'aqui a tres semanas vos empraça o folhetinista, e, d'aqui, á fé de vossa caridade vos juro que esse thesouro de violetas, recatadas agora assim pertinazmente, lá se achará todo semeado, á luz publica, entre as oblações á redempção dos captivos.

Não será, pois, ás leitoras, mas a elles, aos vossos protegidos, que hei de agradecer o suspirado enlevo d'essa exposição de maravilhas.

Apenas, se as circumstantes devassarem então o incognito do folhetinista, não se resintão da malignidade

com que saboreará essa revelação da vossa mestria, recusada hoje á minha cobiça, e aos vossos escrupulos mais tarde imposta pelos vossos bons corações. (*)

Bahia, 15 de agosto de 1875.

(*) Esse incognito só agora se quebra revelando-se o nome do Dr. Ruy Barbosa, autor d'esse escripto, publicado anonymamente no *Diario da Bahia* de 15 de agosto de 1875, com esta recommendação, que occupava o primeiro logar entre os artigos do noticiario d'essa folha :

« PELOS ESCRAVOS! — Este o titulo do *Folhetim* que hoje inserimos, devido á poetica penna do talentoso escriptor, que já no domingo anterior, no mesmo logar de nossa folha, discreteon tão inspiradamente sobre a conscripção.

« A's nossas leitoras recommendamos a mimosa producção d'essa tão bella quanto opulenta intelligencia, que hoje extrahе de seus inexgotaveis veios uma das mais preciosas gemmas de sua alma e de sua inspiração em prol dos infelizes escravos, em cujo beneficio haverá, promovido pela Sociedade Libertadora Sete de Setembro, um leilão de donativos no dia 5 do proximo mez. »

Pertence a
Carmello de Souza Junior

Typographia do «Diario da Bahia» —1881

1881